

O Negócio era a Voz!

Inês de Almeida Rocha¹



Recebi para um bate-papo no Salão Nobre da Unidade Centro, no dia 10 de junho de 2010, uma quinta-feira, às 15:00 horas, uma colega de trabalho muito especial: a professora Elza da Costa Lima Wyllie, aposentada pela Unidade Centro, embora ainda muito ativa, para um bate-papo². Dona Elza, como a chamamos, é uma encantadora senhorinha, que este ano completou noventa e seis primaveras cheias de alegria, musicalidade e amor à sua profissão. Trabalhou na Unidade Centro, no período de 1943 a 1984, desenvolvendo intensa atividade musical com seus alunos, na qual o canto coletivo era o fio condutor. Trago aqui parte da entrevista que pretende ser a primeira de uma série de encontros para registrar suas lembranças, seus pensamentos sobre Educação Musical, seu canto, sua voz³. Ela falou um pouco sobre o período em que trabalhou, como era o ensino de música, como foi o convívio com os alunos e colegas e contou, como só ela sabe, muitas histórias deliciosas. Convidei Ana Clara Martins Cardoso, minha aluna do 9º ano, para registrar em imagens e sons esse contato⁴. Assim, poderei partilhar melhor com outras pessoas a emoção que senti e, com o auxílio dos recursos que a tecnologia atual nos oferece, eternizar a presença de D. Elza.

¹ Professora de Educação Musical da Unidade Centro do Colégio Pedro II, pertence ao Colégio Pedro II desde 1993. É Doutora em Educação (UERJ), Mestre em Música (CBM-CEU), Especialista em Educação Musical (CBM-CEU). Integra o naipe de soprano do Coro de Câmara da Pro-Arte e tem textos publicados na área de Educação, História da Educação, Música e Educação Musical. ines.rocha2006@hotmail.com.br

² Agradeço ao professor Ricardo Tacuchian as preciosas sugestões quanto ao título e ao formato de apresentação desta entrevista, as quais procurei incorporar.

³ A Transcrição integral impressa e em DVD da entrevista está arquivada no NUDOM (Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II) www.cp2centro.net/historia/nudom

⁴ O registro e edição das imagens foi uma atividade integrante da *Oficina de Edição de Vídeos*, sob a orientação da professora de Informática Educativa Sandra Costa.

O primeiro assunto do qual gostaria de tratar, para começar a nossa conversa, é sobre sua formação musical. D. Elza, como a senhora se tornou professora?

Prof^a. Elza: Primeiramente eu cursei a Escola Nacional de Música e sempre quis ser professora. Era um sonho meu. Quando apareceu o curso, a Universidade do Distrito Federal oferecia um curso para professor de música e canto orfeônico, eu me inscrevi. Frequentei as aulas com os melhores professores da época. O Diretor era o maestro Heitor Villa-Lobos. O curso me encantou e mais uma vez eu fiquei certa de que a minha profissão seria o magistério. Terminado o curso, eu comecei logo a trabalhar em música nas escolas, ajudando o maestro Villa-Lobos nas grandes organizações, nos grandes concertos que ele fazia, e vim trabalhar no Colégio Pedro II. Em maio de 1943, subi orgulhosamente a escada de mármore e dei início ao meu trabalho. Naquele tempo o turno da manhã era das meninas e o da tarde dos meninos. Eu fui para o turno da tarde trabalhar com os rapazes. As meninas saíam ao meio-dia e os meninos entravam ao meio-dia e quinze, mais ou menos. O namorico era rápido, não dava tempo de nada, mas que ele existia, existia e daquele tempo saíram alguns casamentos, mais tarde. E um casamento que saiu, perdura até hoje, e eu fui à missa de 60 anos de casado de um ex-aluno.

Int.: Que maravilha!

Prof^a. Elza: Bom, aí comecei a trabalhar. Logo em princípio, a música no Colégio Pedro II já fazia parte do programa obrigatório com nota igual às outras matérias e era apenas vocal. Não se usava instrumento nem para ensaio, era tudo a voz. O maestro Villa-Lobos não admitia, ele era o chefe de música do Distrito Federal, e ele não admitia que se usasse um instrumento nem para ensaio. O nosso instrumento era apenas a voz. Nós fazíamos umas coisas muito bonitas e interessantes usando somente a nossa voz. E a música era assim. Nós tínhamos um livro de solfejo, um livro de teoria, que era de uma professora da escola, Maria Elisa Freitas, e tinha a parte de História da Música, que também dávamos de acordo com a série. Então, tinha ditado cantado, solfejo e a parte teórica que era sempre dada de acordo com um trecho que distribuíamos. Daquele trecho é que nós íamos tirando os elementos teóricos para o aluno aprender. Naquele tempo, mimeógrafo de álcool, era aquele negócio muito moroso, uma folha de cada vez. Mas dava resultado. Agora, o canto era *a cappella* e esse canto *a cappella* daquele tempo era muito bonito. O aluno aprendia. Eu, por exemplo, adotava o seguinte: eu ensinava todas as vozes a todos. Eu dividia em vozes,

mas eu ensinava todas as vozes. O aluno sabia o grave, sabia o médio e sabia o dele. Na hora em que ele cantava, estabelecia uma relação com o som do colega do lado e do outro lado. E a harmonização era perfeita. Era de arrepiar o que eles conseguiam fazer, só com a voz! E assim caminhamos durante anos, sempre fazendo coro *a cappella*. Tínhamos dois livros onde nós íamos buscar material de sobra para enriquecer o repertório. Depois, músicas folclóricas. Depois tudo foi se modificando. Não digo que foi para pior, não. Foi para melhor, foi para melhor. Mas eu acho que o canto *a cappella* deve ser conservado, porque é uma demonstração muito interessante do que a voz pode fazer sem o auxílio de nada.

Int.: A senhora lembra o nome desses livros que eram a base para o repertório cantado?

Prof^a. Elza: Eu tenho os livros: *Canto Orfeônico nº1* e *nº2*. Eu ia até trazer para te mostrar.

Int.: Ah! D. Elza eu ia adorar...

Prof^a. Elza: Vou trazer, vou trazer.

Int.: Era o *Guia-Prático*, de Villa-Lobos?

Prof^a. Elza: Não. Tinha o Guia-Prático, azul. O *Canto Orfeônico nº1* e *2* é que tem muita coisa. Tem o *Hino ao Trabalho*, tem o *Canto do Pajé*, tem muita coisa, tem *Invocação em Defesa da Pátria*, tem muita coisa.

Int.: Era uma publicação do SEMA?

Prof^a. Elza: Era do SEMA sim. Eu tenho eles. Para mim aquilo é um tesouro.

Int.: É verdade, é precioso esse material.

Prof^a. Elza: Eu vou trazer. Agora veja como era, nós tínhamos as provas parciais e tínhamos a prova final que era com banca. A chefe era Maria Paulina Patureau, muito exigente, ela era a presidente da banca. Também havia a professora da turma e a outra professora. Os alunos faziam solfejo na prova, repondiam sobre História da Música e cantavam o hino. A gente sorteava o hino e ele cantava.

Int.: Era individual?

Prof^a. Elza: Era.

Int.: A senhora se lembra de quantos alunos, mais ou menos, por turma?

Prof^a. Elza: Quarenta! (risos)

Int.: (risos)

Prof^a. Elza: Quarenta, cinquenta. Eu tive turma de cinquenta.

Int.: E os cinquenta faziam essa prova?

Prof^a. Elza: Ah, faziam! Em uma ocasião nós tomamos parte do Teatro do Estudante, do Pascoal Carlos Magno. Nós nos apresentamos em uma peça no Theatro Municipal. Por três noites nossos alunos cantaram o Lundu da Marquesa de Santos. Era uma peça sobre Castro Alves, da Estela Leonardos, sobre um livrinho dele. No outro dia, eu, indo a uma coisa literária com a Maria Amélia, vi que ela estava lá, a Estela Leonardos. Ela era mocinha na época e a peça era muito bonita. A orquestra era da Escola de Música, também de estudantes, regida pela Joanídea Sodré.

Int.: Ah! Sim, que era Diretora da Escola Nacional de Música.

Prof^a. Elza: Pascoal Carlos Magno era uma figura, uma pessoa interessantíssima. Um homem dado à cultura. Até hoje tem o teatro dele, em Santa Tereza. Ele era muito engraçado. Quem dirigia a peça era uma portuguesa. Então, quando os meninos se dispersavam ela dizia: “Meninos, meninos, a vossa maestra está a chamá-los”.

Int.: Com a inflexão do português de Portugal... (risos) Quantas lembranças. Quem dava aula no turno da manhã?

Prof^a. Elza: No turno para as meninas, tinha a Antonieta Leite de Castro e a Nilza Gama. A Maria Elisa Freitas foi quem fez o livrinho de solfejo, mas não me lembro o nome. Os alunos aprendiam o solfejo uma vez e eles decoravam. O solfejo número 1 eles decoravam logo. Eles ficavam aqui sentados no salão e... mi, fá, sol, mi, do, lá, sol, mi, do, lá, sol, mi, fá, ré, mi, mi, fá, sol, mi, do, lá, sol... (risos). Decoravam logo que se mostrava. Eu fazia muito cânone, né? Fazia música a três vozes.

Int.: Eles usavam caderno, algum material didático?

Prof^a. Elza: Caderno de música.

Int.: O que a senhora trabalhava com eles no caderno de música?

Prof^a. Elza: Era ditado que eu fazia.

Int.: Que tonalidades a senhora trabalhava?

Prof^a. Elza: Fazia tudo em Dó Maior... e olhe lá, não é? O Dildázio Amado, que era Diretor, às vezes, vinha assistir à minha aula. Ele ficava ali dizendo: “-Mas como é que pode, a professora canta e o menino escreve?”. Faziam direitinho.

Int.: Que figuras de ritmo esses ditados usavam?

Prof^a. Elza: Colcheia, semicolcheia, eles sabiam tudo. Ligadura, sinais de expressão, crescendo, diminuendo. Mas isso era na música. Quando eu fazia aquelas coisas mimeografadas, eu botava os sinais, mas eles cantavam e faziam: agora nessa chave ele vai cantar mais forte... agora quando a chave vem para cá vem diminuindo.

Int.: Tinha sempre a partitura como referência e o canto para o ensino desses símbolos?

Prof^a. Elza: Sempre cantando. Cantando sempre, cantando sempre. Tinha uma música numa ocasião que eu achei que era assim... voz grave fazia assim: plam, plam plam, plam, plamplamplamplam, plam, serve o teu Brasil com brio, cumpre sempre teu dever. Depois tinha: avante! Três vozes. Eles faziam aquilo num instante. Eu, às vezes, para testar a memória deles, não escrevia a letra, fazia decorar na hora, sabe? Serve teu Brasil com brio... serve teu Brasil com brio. Cumpre sempre o teu dever... cumpre sempre teu dever... entendeu? Para também eles memorizarem a letra. E fazia a primeira voz, depois entrava a outra e a outra. E aí ficava. Então eu dizia, vamos fazer o seguinte: é uma banda que veio lá de longe... avante mocidade... agora a banda está quase chegando aqui. Aí eles aumentavam, depois iam diminuindo e ficava aquilo baixinho... plam, plam, plam, plamplamplamplam, plam. Fazia aquilo tudo, eles gostavam de fazer.

Int.: Que beleza!

Prof^a. Elza: Não reclamavam, nem achavam que era palhaçada, não. Para estimular, eu fazia eles fazerem o acorde e ouvirem. Entre eles: do, mi, sol. Dó, agora segura; mi, agora segura; sol, agora segura. Agora vamos ouvir o que vocês estão fazendo. Eu tirava uns dois para ouvir. Ih! Professora, mas que bonito, não é? Que bonito.

Int.: A senhora usava alguma gravação, algum disco?

Prof^a. Elza: Quase nada. Gravador... não.

Int.: O recurso pedagógico era giz, mimeógrafo, papel e voz.

Prof^a. Elza: Era a voz, o negócio era a voz, o negócio era a voz! Haja visto que alunos de escola primária fizeram, no campo do Vasco, *Invocação em Defesa da Pátria*. Uma música a quatro vozes, três vozes para eles, com boca fechada, para entrar o solo. Tinha um solo. Violeta Coelho Neto de Freitas fez o solo. Aqui tem até uma gravação feita pelo coral dos professores no tempo do... daquele menino...

Int.: Abelardo Magalhães.

Prof^a. Elza: Ele fez e a menina que fez o solo era uma professora, muito bom. A gravação está muito boa. Aquela música, a letra da música é perfeita.

Int.: A senhora entrou para o colégio em 1943 e trabalhou até quando?

Prof^a. Elza: 1984. Eu ia entrar na compulsória e me aposentei um mês antes.

Int.: E desde então a senhora continuou se encontrando com seus alunos, não é?

Prof^a. Elza: Continuei trabalhando, primeiro com o professor Dirceu que ficou doente.

Int.: Professor Dirceu Machado, ele tocava órgão muito bem.

Prof^a. Elza: Ele era espetacular. Você dava uma melodia para ele e ele ia para o piano e destrinchava tudo. Eu adorava o Dirceu. Aí, ele ficou doente e não voltou ao trabalho.

Int.: Era só ele que dava as aulas aqui, além da senhora, nesse período?

Prof^a. Elza: Não, tinha a Nilza, tinha a Ítala, tinha a Vitória.

Int.: A senhora lembra os sobrenomes delas? Tinha a Ítala...

Prof^a. Elza: Beringuer. Vitória Loureiro, Nilza Gama, a Antonieta já tinha morrido, a Maria Paulina já tinha morrido, a Maria Elisa também, o Dirceu, depois veio a Daisy.

Int.: A Daisy Cunha que agora é diretora do Engenho Novo?

Prof^a. Elza: É, que é Diretora do Engenho Novo.

Int.: Ah! Eu não sabia que ela tinha trabalhado aqui.

Prof^a. Elza: Era uma garota, chegou aqui uma garota.

Int.: Teve a Maria Cristina do Nascimento.

Prof^a. Elza: Cristina, também chegou aqui, a Cristina... Eu e a Laura queríamos fazer como a galinha com seus pintinhos, mas ela era sabida pra caramba (risos). Com a Cristina, quando ela trabalhou aqui, eu fiz *Revivendo Villa-Lobos*, eu e ela.

Int.: Interessante!

Prof^a. Elza: Com a Vitória eu fiz a *Evolução da Música Popular Brasileira*.

Int.: Era um projeto trabalhando música popular em sala de aula?

Prof^a. Elza: Era, só nas turmas. Cada turma fazia um compositor. Fizemos Lamartine Babo, Chico Buarque, fizemos muita coisa. Eu acho que eu ainda tenho até a parte falada. Eu tinha uma amiga que escrevia muito bem, então eu disse para ela fazer o *script*. Eu disse a ela o que eu queria e ela fez muito bem. Acabamos a apresentação com Escolas de Samba. Do Lamartine Babo trabalhamos os hinos dos clubes. Agora, estavam avisados, aqui não tem nem Flamengo, nem Vasco, nem nada. Não vão fazer bobagem. Estavam avisados que era para aplaudir a turma que fazia o hino do clube. Aplaudiam o Vasco, aplaudiam o Flamengo. O Flamengo nem precisava pedir que a maioria ia aplaudir mesmo.

Int.: Ah! A senhora é flamenguista, D. Elza?

Prof^a. Elza: Eu sou. Foi quando eu descobri que o Tito Hurbano era Flamengo também.

Int.: D. Elza, vamos falar um pouco mais sobre Villa-Lobos?

Prof^a. Elza: Fui aluna dele. Tudo que eu sei eu aprendi com ele. Eu já era patriota, gostava de ser brasileira, daquela brasileira mesmo. Com ele eu dobrei, porque ele era o

maior patriota que este país já teve. Não tem ninguém que tenha tido o amor pelo Brasil como ele teve, não tem ninguém. Haja visto a música dele que só é Brasil. E ele me contagiou com esse negócio (risos).

Int.: (risos) E como ele era como professor? Ele era muito exigente?

Prof^a. Elza: Ah! Era sempre exigente. Ele é quem conseguiu a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, foi ele. Porque o Getúlio gostava muito dele, não é? Ele fazia aquelas grandes concentrações no dia da pátria.

Int.: E os alunos do Pedro II iam nessas concentrações?

Prof^a. Elza: Os alunos iam.

Int.: Como eram esses ensaios, a preparação?

Prof^a. Elza: A gente recebia o repertório, as partituras e ensaiava com ele às quintas.

Int.: Ele vinha ao colégio, então?

Prof^a. Elza: Não. Um dia, de repente, ele aparecia para ver como é que estava.

Int.: Lá no Conservatório?

Prof^a. Elza: Reunia três escolas para ensaios, era uma colcha de retalhos.

Int.: Cada uma ia ensaiando e depois se juntavam todos?

Prof^a. Elza: Sim, era um trabalho muito minucioso. Tinha a parte de comportamento. Sentar e levantar (D. Elza mostra com as mãos o gesto do maestro).

Int.: Esses eram os gestos que ele fazia!

Prof^a. Elza: Tudo era treinado. Não era fácil, porque as músicas eram trabalhosas.

Int.: E quais as recomendações que ele dava?

Prof^a. Elza: Nosso encontro às quintas-feiras começava com uma leitura, à primeira vista, de um Coral de Bach. Leitura à primeira vista!

Int.: Era um bom começo, não é?

Prof^a. Elza: Aconteceu um negócio um dia... Eu chamei ele de bruxo: o senhor é um bruxo, maestro!

Int.: Ah!

Prof^a. Elza: Ele chegou lá nesse ensaio, que nessa ocasião era no Teatro Carlos Gomes, falando: “-Distribui as partes aí, gente, vamos rápido porque é o *Hino à Imprensa* e o Hebert Mozes deve chegar aí daqui a pouco”. Vai passar aí, tá tudo pronto e tal. Pronto. Aí chegou um cara e disse: “-O Hebert Mozes está aí.” Ele entrou e o maestro disse: “-Nós vamos cantar à primeira vista com letra”. Nossa senhora!... “-Professores, vocês são professores. Nós vamos cantar à primeira vista com letra.”

Int.: E cantaram?

Prof^a Elza: Não é que saiu?

Int.: Ele sabia o grupo que tinha nas mãos.

Prof^a Elza: Cheguei perto dele e disse: “Maestro, o senhor é bruxo!” “Se eu sou bruxo, você é ajudante do bruxo”

Int.: Nessas reuniões havia outros professores do Pedro II, também?

Prof^a Elza: Ia todo o mundo, não viu aquele quadrinho com a nossa foto na sala de música? O interessante aqui, ainda não fui no museu, não sei se eles têm, ainda não fui lá ver se eles têm. Tinha o uniforme branco, azul marinho de inverno e cáqui. Tinha o uniforme azul marinho de inverno!

Int.: Bem, eu já vi a foto com o uniforme branco. As alunas iam acompanhando as professoras nessas reuniões?

Prof^a Elza: Não, eram as professoras. Ele ia nas escolas, mas ele era danado, ele sabia quem estava desafinando e ia diretinho, que coisa. Ele tinha parte com não sei quem.

Int.: É, ele era bruxo mesmo...

Prof^a Elza: Acho que sim... aquilo que eu falei. (risos). Um dia nós estávamos acabando um concerto e eu disse: “-Maestro, o senhor nunca assinou nada para mim! O senhor nunca me deu uma assinatura sua. Assina aí a minha partitura.”. Aí ele colocou assim: “À Elza, travessa, mas muito amiga, Villa-Lobos.”

Int.: Que honra, não é D. Elza?

Prof^a Elza: (risos)

Int.: Uma vez a senhora me contou uma coisa que eu achei muito interessante, que era sobre a ação do professor junto ao aluno. Sobre a importância do professor buscar uma perfeição, mas que isso não era tudo na vida de um professor.

Prof^a Elza: Eu sempre falo isso. A perfeição nem sempre é alcançada, mas a boa intenção é. E a gente vai ao encontro dela. Porque, por exemplo, o aluno não afina? Não afina porque está em transição de voz. O maestro não admitia dizer que aluno era desafinado, era ouvinte. Então ele recomendava: deixa ele como ouvinte, mas manda ele cantar de vez em quando. Porque o menino é muito difícil, há a transição de voz. A menina é mais fácil, mas o menino fica falando fino, grosso, fino, grosso. Nessa ocasião ele fica desafinado. Então é ouvinte, mas ele tem que cantar, tem que cantar de vez em quando. Realmente eles afinam, com o tempo eles afinam. Eu tinha uma aluna no Paulo de Frontin que era louca pelo coral, meu Deus... A Marília era louca pelo coral. Ela era tão desafinada e eu disse: Marília, você fica aqui no coral, eu quero você no coral, fica aqui. Você toma conta, você vê, distribui as músicas, me ajuda aqui e tal.

Você canta de vez em quando. Menina... ela foi, foi, foi, a vontade dela era tanta, ela se esforçou tanto, ela se esforçou é uma contralto maravilhosa. Até hoje eu encontro com ela.

Int.: E também porque a senhora tocou o coração dela, não é, D. Elza?

Prof^a. Elza: Eu amo essa garotada. Eu amo todos eles!

Int.: A senhora disse que dava aula aqui nesse salão, não é?

Prof^a. Elza: Dava sim, dava aula aqui nesse salão. Eles vinham para cá, porque não tinha sala. O Colégio estava muito cheio.

Int.: E o canto do hino, D. Elza, se cantava todos os dias da semana ou apenas uma vez por semana?

Prof^a. Elza: No princípio não, só em cerimônias. Depois ficou estabelecido, já no tempo da Maria Paulina, que seria semanal. Tinha também a parte da equipe de Educação Física que ficava responsável pela forma e pelo hasteamento da bandeira.

Int.: O Colégio inteiro se reunia para cantar?

Prof^a. Elza: Era. O Raja Gabaglia era o Diretor quando eu entrei. Ele tinha um amor a esse Colégio! Quando a garotada juntava para cantar o Hino Nacional, ele colocava os óculos escuros porque ele chorava. Quando tinha a *Parada da Raça*, em que as escolas desfilavam, ele desfilava na frente do Pedro II, orgulhoso.

Int.: E quando cantavam aqui tinha algum tipo de acompanhamento instrumental?

Prof^a. Elza: *A cappella*. Mas eu confesso que eu gosto do hino com a introdução. Eu acho que a introdução prepara para o hino, dá o clima para começar o hino. Durante muitos anos eu vinha às sete horas para o hino, mas com disco não precisa de regência. Não sei, eu acho que não precisa, mas tudo que tem letra precisa de colorido de acordo com a letra. A letra é que conduz, ela é que manda. A letra do hino tem muita coisa suave, mas tem muita coisa mais empolgante.

Int.: E esse momento tem que ser ressaltado.

Prof^a. Elza: Tem que ser ressaltado. É, o pessoal diz assim: -É o hino da Elza.

Int.: E o Hino dos Alunos?

Prof^a. Elza: O hino do Colégio?

Int.: Eles já cantava a tabuada, ou não?

Prof^a. Elza: A tabuada era antiga. Andou um tempo, desapareceu. Aí o professor que recebeu um título de aluno eminente, que foi diretor da Associação Brasileira de Imprensa, chegou numa formatura e disse: “-Onde anda a tabuada do Colégio?” Aí voltou a tabuada. O hino do Colégio está com um erro que não sei se ficou oficializado.

Int.: Qual é D. Elza?

Prof^a. Elza: Por isso, sem temer, foi sempre o nosso lema, buscar... eles cantam buscar⁵.

Int.: Ele cantam no agudo.

Prof^a. Elza: Eu dizia para meus alunos, vamos buscar lá embaixo. (risos) Eu tenho um aluno, um oficial de marinha, veio aí para um lanche e eu disse: “Vamos cantar o hino” e tal, isso passados uns vinte anos. Agora eu quero ver, vamos cantar o hino, não é de graça não. Eu achei graça, porque ele cantou o hino e fez: buscarmos... (risos)

Int.: Fez o gesto, para buscar lá embaixo. E cantavam a duas vozes?

Prof^a. Elza: Cantavam.

Int.: Cantavam a segunda voz? A gente não tem cantado mais a segunda voz.

Prof^a. Elza: É, mas a segunda voz o Colégio todo não cantava não. Só o coral.

Int.: Ah! Fala um pouco do coral, D. Elza. Era uma atividade separada?

Prof^a. Elza: Como sempre, o aluno queria ser do coral ou não. Não era obrigatório, de jeito nenhum. Nem no tempo da Maria Paulina. Ia para o coral quem queria. Depois da Maria Paulina veio a Laura para o coral. A Laura teve uma ocasião de ter cinquenta alunos e, como repertório, ela chegou a ter umas trinta músicas. Ela ficava aqui no Colégio o dia inteiro, então, quando qualquer professor faltava, ela ia para a sala do coral e ensaiava. Ela trabalhou muito, fez muita coisa.

Int.: Quando em 1943 a senhora chegou, já tinha um coral?

Prof^a. Elza: Ah! Já tinha sim, quem regia era a Maria Paulina, a Chefe.

Int.: Era um coro a quatro vozes?

Prof^a. Elza: Era conforme a música. Juntavam-se meninas e rapazes. Mas havia mais menina do que rapaz.

Int.: O que mais podemos falar, D. Elza, sobre alunos e atividades?

Prof^a. Elza: Como alunos tive o maestro Henrique Morelembau e o pianista Luiz Carlos Moura Castro. E, vou dizer uma coisa a você. Tinha um grêmio literário científico. Fazíamos aquela hora de artes. Entrava o coral, entrava quem tocava. Tinha declamação. Era chamado de *Hora de Arte* e organizado pelo grêmio. O grêmio era uma coisa mais cultural, mesmo. Eles organizavam e a Paulina entrava com o coral. Agora, eu estava até querendo ver pela internet, que tinha uma menina que tocava violino muito bem. No outro dia me lembrei do nome dela: Inês Ferro. Eu quero saber

⁵ D. Elza canta o hino emitindo os intervalos da melodia. Os alunos cantam erroneamente o intervalo lá3-fá3 para a palavra *buscarmos*, enquanto que o correto seria dó3-fá3.

onde ela anda. De vez em quando eu faço uma busca, lembro o nome de um e faço uma busca.

Int.: A senhora acessa a internet? A senhora entra no computador?

Prof^a. Elza: Eu não entro não, que esse negócio de computador não é comigo, não, mas eu mando entrar. (risos)

Int.: E o que a senhora teria para dizer para finalizar nosso primeiro encontro?

Prof^a. Elza: Para finalizar nosso encontro, eu acho que, como sempre, o ensino de música do Colégio Pedro II vai muito bem. Eu procuro acompanhar, assistir e estou gostando muito. Eu tenho assistido a tudo, quase tudo e acho que está certo. Tem que se modificar sim. Nós não podemos ficar parados.

Int.: Que modificação a senhora viu que considera boa?

Prof^a. Elza: O que é bom é o acompanhamento com instrumentos. Acho bom, mas sem deixar de lado o canto *a cappella*. O canto *a cappella* não deve ser posto de lado.

Int.: A senhora acha que todos devem aprender música ou é só para alguns?

Prof^a. Elza: Não, eu acho que a base deve ser para todos. Porque o que o maestro queria era apreciadores de música. Artistas nós temos muitos. O apreciador tem que ter noção, porque quem estuda desenho e vai a uma exposição de pintura, aprecia mais do que quem não sabe nada. Ele sempre falava. A gente tem que preparar o público, o público, artistas nós temos muitos.

Int.: D. Elza, vamos dar uma paradinha em nossa conversa para continuar em um outro momento?

Prof^a. Elza: Depois você vê quando você quer, o que você quer. Tem muitas coisas, muitas histórias para contar

Assim encerrei meu primeiro encontro de *Conversas com a Elza*, como ela própria se referiu a esse momento de registro de seu pensamento sobre a Educação Musical do Colégio Pedro II. Em suas palavras ficou evidente a importância da voz na prática musical e do canto coletivo para o aprendizado de conceitos e o desenvolvimento das potencialidades musicais dos alunos. O nacionalismo que marcou o período do Estado Novo e de que forma a música foi utilizada como veículo de uma ideologia com fortes matizes patrióticos também estão presentes em seu depoimento.

Enquanto ela se levantava, disse-lhe que a receberia da próxima vez com um chazinho para aquecer e acalantar novas lembranças. Lembramos que precisávamos marcar a reunião para tratar do projeto de canto coral que nós duas estamos planejando

para congregar alunos e ex-alunos cantores de coral da Unidade Centro. Ela olhou mais uma vez para Ana Clara, minha aluna que registrava as imagens e, antes que a bateria da filmadora se esgotasse, abriu um lindo e contagiante sorriso dizendo:

Prof^a. Elza: Até logo, querida!